

## A REVISTA DE EDUCAÇÃO E OS VESTÍGIOS DAS ORIENTAÇÕES PARA PROFESSORES (AS) VISANDO A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CATARINENSES DA DÉCADA DE 1930

*Mônica Teresinha Marçal<sup>1</sup>*

### *2. Alfabetização e história*

**Resumo:** A discussão presente neste artigo é decorrente da análise da Revista de Educação, periódico publicado bimestralmente e destinado aos professores (as), entre os anos de 1936 e 1937, no Estado de Santa Catarina. A metodologia utilizada foi documental e bibliográfica. O texto traz um breve histórico sobre a revista e apresenta as publicações que abordam as orientações sobre a alfabetização aos professores (as). Entendemos que as investigações que envolvem as revistas pedagógicas contribuem para localizar vestígios e pistas que auxiliam na construção da trama histórica sobre os processos de alfabetização em Santa Catarina e no Brasil, via orientações para o seu professorado. Espera-se que a presente discussão possibilite perceber que desde o início do século XX as questões sobre a alfabetização estavam permeadas por uma certa prescrição sobre os métodos mais eficazes e recomendados às crianças.

**Palavras-chaves:** Revista pedagógica; alfabetização; orientação para professores(as).

### Introdução

A Revista de Educação, sediada em Florianópolis, foi publicada bimestralmente entre os anos de 1936 e 1937, sob responsabilidade da Interventoria do Estado, com circulação limitada ao Estado de Santa Catarina. Tratada como uma revista do Órgão do Professorado Catarinense, recebeu incentivo do governo do Estado de Santa Catarina para a realização de suas edições. Localizamos na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina seis volumes desta publicação.

O periódico teve como diretor o professor Antônio Lúcio; e como secretário, o professor Elpídio Barbosa, ambos inspetores escolares catarinenses. Em sua primeira edição, de janeiro de 1936, em nota de abertura, intitulada *Revista de Educação - Órgão do Professorado Catarinense*, o periódico se apresenta como uma revista feita por professores e para professores.

Apresentava-se também como “uma fonte de observações e conhecimentos práticos que visam unicamente orientar e facilitar o professor na sua árdua missão” (REVISTA..., 1936).

Na revista eram publicadas mensagens do governador do estado, o senhor Nereu

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação. Professora Colaboradora do Curso de Pedagogia da FAED/UDESC. Contato: [monicamarcal@hotmail.com](mailto:monicamarcal@hotmail.com)

Ramos, e do Diretor do Departamento de Educação, professor Luiz Sanches Bezerra Trindade, além de artigos de outros nomes ligados ao aparelho de Estado ou pessoas ilustres da educação catarinense, como João Ambrósio da Silva, Subdiretor de Cultura e Divulgação; João dos Santos Areão, Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas e Nacionalização do Ensino; Pedro Paulo Philippi, Inspetor Escolar, entre outros.

Havia também notas sobre as Semanas de Educação, que ocorriam em várias regiões do estado (organizadas pelo Departamento de Educação, pretendiam difundir determinados ideais educacionais); informações sobre as bibliotecas escolares (com intuito de despertar o gosto pela leitura em professores e alunos); discursos dos paraninfos das Escolas Normais do Estado; os caixas escolares; anotações sobre alguns municípios do estado; textos sobre os grupos escolares do estado; os Clubes Agrícolas; teses apresentadas em conferências estaduais (inclusive de outros estados); anúncios de livros e outros materiais pedagógicos; estatísticas do ensino primário; informações sobre o ensino técnico; uma seção de notícias; divulgação de cartas recebidas e de fotografias das atividades; publicação da legislação e das instruções do Departamento de Educação; além de servir como um mecanismo de divulgação e fortalecimento de políticas de Estado no que se refere à formação de professores.

## **2 Fundamentação teórica**

Na Revista de Educação, edição do ano I, n. 2, de março a abril de 1936a, apresenta-se um texto sobre *Metodologia da leitura e da escrita*. O referido texto não faz a menção da autoria e continua por mais três edições (Ano I, n. 3, maio-jun. 1936b; Ano I, n. 4 e 5, jul.-out. 1936c; Ano II, n. 6, nov.- dez. de 1936d).

O teor é informativo e, de certa forma, prescritivo, inicia com o histórico da leitura e da escrita, no seu ponto 1, em que se registra não haver consenso sobre quando estas duas artes passaram a existir, descrevendo-as nos seguintes termos: “a escrita é a representação material das palavras por meio de sinais convencionais que se chamam letras. A leitura e a reprodução oral das palavras escritas” (METODOLOGIA..., 1936a, p. 33).

O texto apresenta uma contextualização histórica, informando ao leitor que os primeiros povos que cultivaram a escrita foram os da antiguidade, como os chineses e os egípcios. A escrita em sua origem foi apenas desenho, motivo pelo qual foi denominada escrita ideográfica, posteriormente tornada fonética, produzindo sons. A criação da escrita silábica (com o uso de vogais e consoantes) foi obra dos povos assírios, mas foram os fenícios que inventaram os sinais ou símbolos alfabéticos, e assim a escrita fonética foi transmitida aos judeus, gregos e romanos (povos medievais) e destes aos povos modernos (METODOLOGIA..., 1936a).

O texto, depois desta introdução, apresenta o ponto 2, que explica o ensino simultâneo, cuja origem se deu no século XIX, e registra que, após a adoção dos caracteres tipográficos móveis, ocorreu a inserção do ensino da leitura por letras de forma, que fez com que desaparecesse completamente o vínculo metodológico entre leitura e a escrita, isto nos séculos XV e XVI.

O ensino simultâneo terá alguns divulgadores no início do século XIX (Ratich, Cormenio, Trapp), mas, segundo o texto, foi com a obra de Graser que se iniciou uma reforma da nova metodologia da leitura e escrita, com a aparição do método por palavras geradoras e com a ressurreição do ensino simultâneo (meio século depois), que contou com outros defensores, como Harnisch, Schloz, Luber, Jacotot e Vogel (METODOLOGIA..., 1936a).

O ponto III apresenta as vantagens do ensino simultâneo, entre as quais estão: aprende-se a ler e a escrever conjuntamente, o que economiza tempo e trabalho; respeita-se a marcha natural da leitura e da escrita, adquirindo intuitivamente as ideias, representando-as graficamente e expressando-as oralmente; realiza-se o aprendizado por meio da variação dos exercícios e da combinação do trabalho mecânico (a escrita) com o trabalho intelectual (a leitura); ativam-se as funções aquisitivas da inteligência pela relação que o aluno estabelece entre a linguagem oral e a linguagem escrita; e assim o ensino se torna mais atraente e agradável (METODOLOGIA..., 1936a).

O ponto IV apresenta a marcha do ensino, que deve ser gradual e expressiva, informando haver três graus principais de leitura: elementar, corrente e expressiva (ou artística), que são devidamente explicadas. O ponto V descreve os métodos especiais de leitura, que se dividem em três classes principais: método sintético (que se subdivide em método alfabético e o método fônico), o método analítico e o método misto (analítico-sintético), também chamado de eclético.

O ponto VI traz a explicação sobre o método sintético alfabético, que consiste em ensinar primeiro as letras do alfabeto, depois formar sílabas com elas e finalmente palavras. O texto informa que este método é o mais antigo, mas também o mais defeituoso, e que hoje ainda é muito empregado por professores. Explica que “O mestre assinala uma letra, exige dos alunos que a observem detidamente, pronuncia-lhe o nome, e logo faz repetir a cada criança até que se lhe gravem na memória a forma e o som” (METODOLOGIA..., 1936a, p. 36). Observamos, como fica expressado na revista, a compreensão e o julgamento sobre o método sintético alfabético, apontando os seus defeitos, dificuldades e, como veremos a seguir, o método mais indicado para ser utilizado pelos professores.

Na segunda parte do texto, presente na terceira publicação do ano de 1936b, encontramos os inconvenientes do método sintético alfabético, que causam confusões no espírito da criança e tornam o ensino mais difícil. Assinala-se que o “melhor método de ensino

é o método fonético, pois cada som tem a sua letra e cada letra tem um único som todas as vezes que isso for possível” (METODOLOGIA..., 1936b, p. 46).

Na edição do ano I, n. 4 e 5, de julho a outubro de 1936c, encontramos a terceira parte do texto. É retomado o debate sobre o uso do dicionário visando-se ao aprendizado da ortografia como uma ciência filológica, apresentado no fim da edição passada e continuado nesta, informando que “o melhor dicionário que hoje possuímos para escrevermos palavras, cientificamente casando a etimologia com a fonética, é o Cândido Figueiredo” (METODOLOGIA..., 1936). Explica-se também que foram vários os mestres que tentaram planejar e reformar o método alfabético, entre os quais estão Comenio (que organizou o seu processo em jogos e brinquedos com letras, feitas de massa de vários e diferentes tamanhos), Basedow e Pestalozzi (que, ao invés de utilizar massa, organizou o seu processo com letras de cartão). Estas inovações e reformas melhoraram o método alfabético, no entanto o seu defeito principal, segundo afirma-se no texto (METODOLOGIA..., 1936c, p. 48), foi a “soletração ou deletreamento”, que continuava a subsistir e ainda subsiste.

O ponto VII<sup>2</sup> apresenta o método fônico, método que consiste em ensinar a leitura sem dar importância ao nome das letras, prestando atenção somente ao seu valor fonético. O texto explica que este método se diferencia do alfabético por

1º - Não dar nomes convencionais às letras; cada uma delas se pronuncia reproduzindo o som que representa. 2º - as consoantes conservam o seu valor fonético; não necessitam de uma vogal ou mais de uma para serem proferidas; 3º - não admite a soletração nos seus processos. 4º - na silabação das palavras, cada som se estuda com um só elemento, ainda quando este som é representado por várias letras. (METODOLOGIA..., 1936c, p. 49).

No texto, apresenta-se o histórico do método fônico, informando que seu fundador foi o pedagogo Valentim Isklsamer, na Alemanha do século XVI, que durante o século XVII o método não prosperou, mas, no início do século XIX, o pedagogo Henrique Stéfani adotou-o em suas experiências e com ele formulou um livro de leitura inicial. Stéfani ensinou como se devem pronunciar as consoantes desacompanhadas de vogais e organizou vários exercícios que despertaram o interesse de seus contemporâneos, entusiasmados com o método, bem como a crítica por parte de seus opositores. Depois de um quarto de século, o método fônico conseguiu se impor, afinal não havia surgido nenhum método melhor para confrontar o método alfabético. Sobre os dois métodos sintéticos, discorre-se sobre as vantagens que o método fônico tem sobre o método alfabético, mas ressalva-se que ele não elimina todos os inconvenientes do anterior.

---

<sup>2</sup> Trouxemos a sequência dos pontos da mesma forma com que foram apresentados na revista, mas ressaltamos que a sequência não corresponde à sequência numérica crescente, usualmente utilizada. Parece-nos ter sido um erro gráfico.

No ponto VIII, trata-se dos métodos analíticos, explicando-se que estes métodos de leitura ensinam primeiro a palavra ou a oração e depois os seus elementos consecutivos, ou seja, primeiro o todo e depois as partes. Existe o método analítico de palavras soltas e o método analítico de sentenças, e em ambos os casos se ensina a escrita e a leitura simultaneamente. São métodos relativamente novos; sua criação data do fim do século XVII, tendo sido reorganizados depois do século XIX, pelo reitor da Universidade de Berlim, Frederico Gedike. Ele eliminou todo e qualquer método sintético, alfabético e fônico e adotou o método analítico, pois, para ele, o aprendiz deve, desde o princípio, aprender a ler as palavras, e não os sons.

No texto (METODOLOGIA..., 1936c, p. 52), sinaliza-se que, segundo os prognósticos de Frederico Gedike, é observando, escrevendo e lendo as palavras que os “alunos chegarão prontamente a distinguir e aprender os sinais simples (letras) por sua fôrma e por seu som sem que lhes diga o nome deles”. Em 1791, Gedike publicou um “interessante texto de leituras intitulado o livro do menino”. Ao mesmo tempo na França, surgiu a obra “Ensino Universal”, do pedagogo J. J. Jacotot, cujo princípio geral se baseia no “O todo está no todo”.

O ponto VII disserta sobre a crítica do método analítico de Jacotot e informa que, depois da morte de sua morte, em 1840, os partidistas de sua reforma na Alemanha, resolveram “1º - Substituir o Telêmaco de Fenelon por séries de sentenças graduais; 2º - Eliminar a deletreação e adotar o processo fonético; 3º - Não limitar a decompor as palavras em sílabas, mas também formar com essas sílabas novas palavras”. (METODOLOGIA..., 1936c, p. 54)

Essas mudanças melhoraram o método, mas não eliminaram por completo os inconvenientes, que persistiram: “1º - A gradação artificial geradora das sentenças; 2º - A ilustração deficiente das mesmas” (METODOLOGIA..., 1936c, p. 54).

Dessa forma, os métodos analíticos voltam à fase inicial, composta pelo método de palavras proposto por Gedike, “com a única diferença de que agora as palavras deviam ser geradoras” (METODOLOGIA..., 1936c, p. 54). A quarta parte do texto encontra-se na edição do ano II, n. 6, de novembro a dezembro de 1936, e reforça as modificações de fundamento ocorridas pela nova reforma no método de Jacotot. De acordo com o texto (METODOLOGIA..., 1936d, p. 27), as mudanças ocorridas foram “1º se renunciava a oração como princípio, 2º as palavras geradoras não apresentavam dificuldades para a sistematização, para a gradação e para a intuição das idéas; 3º se simplificavam com isso o mecanismo técnico analítico”.

O ponto IV apresenta o método por palavras, também chamado por outros nomes: método natural; método de palavras normais; método de palavras geradoras; método analítico- sintético; método eclético, etc.

A denominação eclética se deu quando a “operação analítica foi contemplada com outra sintética, que consistia em reunir gradualmente os elementos simples da palavra depois de terem sido estudadas separadamente” (METODOLOGIA..., 1936d, p. 27). São apresentados, na sequência, os exercícios de debuxo a serem realizados na aplicação do método eclético de palavras geradoras.

O ponto X<sup>3</sup> versa sobre a aplicação do método eclético de palavras geradoras, que se baseia em três operações fundamentais: a síntese, a análise e a síntese de novo. O texto traz a explicação de cada operação.

O ponto XI trata do processo de leitura, explicando que os dois métodos principais são o analítico e o eclético de palavras geradoras (que são os mais numerosos, podendo ser classificados em sintéticos, analíticos e analíticos-sintéticos). Destes, o processo sintético é o mais importante, formando por uma série de seis exercícios ou passos. O processo analítico é apresentado por cinco passos sucessivos, ao passo que os processos analíticos-sintéticos possuem oito (devidamente explicados no periódico).

O ponto XII explica que o ensino simultâneo da leitura e da escrita inicial duram vários meses. No texto (METODOLOGIA..., 1936d, p. 32), adverte-se que “A série de palavras geradoras não deve ser muito longa nem muito curta, porque sendo muito longa requer muito tempo; e sendo muito curta, não abrange todos os elementos fonéticos (sílabas) indispensáveis”. Registra-se também que a série de Herold abrange 17 palavras, a de Vogel 98, a de Framke 31, e a de Plate 100. Salienta-se que, após os exercícios de leitura mecânica, os professores devem iniciar o trabalho com a leitura corrente, com adoção de cadernos especiais para a leitura e o livro de leitura corrente.

O ponto XIII disserta sobre a leitura corrente, que, segundo o texto (METODOLOGIA..., 1936d, p. 33), consiste “em pronunciar com exatidão, clareza, rapidez e justa entoação as palavras reunidas em frases simples”. Enumeram-se vários exercícios e encaminhamentos a serem seguidos.

O ponto XIV aborda os exercícios de aperfeiçoamento, que são iniciados depois que os alunos já conseguirem ler páginas inteiras (iniciados no 1º grau até o 4º grau). Devem ser exercícios variados e graduados, facilitando o ensino e evitando o tédio. Os exercícios de aperfeiçoamento são bastante numerosos, e o texto indica uma ordem a ser seguida para sua realização.

O ponto XV apresenta os vícios da leitura corrente, qual sejam: de articulação (subdividido em quatro: cicio, sigmatismo, tartamodiação e a gagueira), de pronúnciação (subdividido em dois: hiperfonia, afonia) e os de pontuação (cuja modulação abrange: a

---

<sup>3</sup> Como já mencionamos, há um erro (gráfico, talvez) na sequência dos pontos, que passam do IV para o X.

entonação, a ênfase e a acentuação) (METODOLOGIA..., 1936d).

O ponto XVII<sup>4</sup> disserta sobre o mecanismo da aula, propondo que toda leitura expressiva observe a forma expositiva-interrogativa, abrangendo os seguintes passos: 1º apresentação do assunto; 2º explicação do assunto; 3º reprodução sintética do assunto. Cada passo destes apresenta suas características próprias, devidamente contempladas no texto (METODOLOGIA..., 1936d).

O ponto XVIII se refere ao modelo de plano de uma aula, advertindo que nenhuma aula de leitura deve ser improvisada, pois todas as aulas devem ser preparadas conforme as regras estabelecidas pela arte de ensinar e de acordo com a metodologia de cada matéria. Concluindo o assunto, ressalta-se que, por ocasião da preparação da aula, é preciso estar atento: “1º ao significado das palavras; 2º ao conteúdo das frases; 3º as relações estabelecidas entre os vocábulos e as proposições; 4º a compreensibilidade do assunto” (METODOLOGIA..., 1936d, p. 40). E que o modelo do plano pode conter: matéria; grau; método geral; método especial; formas de ensino; e processo. Com o plano organizado, o professor poderá começar aula, primeiro pela introdução, depois com o desenvolvimento do assunto e por último com a recapitulação.

Não sabemos ao certo, devido à ausência de fontes, se as orientações a respeito da Metodologia da Leitura e da Escrita cessaram nesta edição, mas, pela apresentação e sequência do conteúdo, pareceu-nos que sim.

Nessa perspectiva, o exame da referida revista nos fornece vestígios e nos dá indícios sobre a abrangência e a circulação das orientações dirigidas aos professores catarinenses sobre a alfabetização das crianças.

### 3 Considerações Finais

A Revista de Educação revela aspectos de natureza técnica e metodológica que poderiam auxiliar os professores na prática do exercício da profissão, além de representar uma atualização ou uma remodelação de tais práticas dentro dos preceitos necessários para garantir a alfabetização. Aproximações com o momento atual da alfabetização brasileira foram observadas, afinal há os vestígios de uma certa tendência no discurso para o método fônico e determinadas críticas ao método analítico, além de considerações de depreciação sobre o método sintético alfabético. Por fim, registramos que a leitura do passado nos auxilia a entender o presente.

---

<sup>4</sup> Novamente, observa-se descontinuidade na sequência numérica, talvez por erro gráfico, como já informamos.

## Referências

MARÇAL, Mônica Teresinha Marçal Discursos sobre crianças e infância em revistas pedagógicas (1920-1940) dirigidas à formação de professores em Portugal e no Brasil/Santa Catarina. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. (2018).

METODOLOGIA da leitura e da escrita. Revista de Educação, Florianópolis, Ano I, n. 2, p. 33-36, mar./abr. 1936a.

METODOLOGIA da leitura e da escrita. Revista de Educação. Florianópolis, Ano I, n. 3, p. 45-47, maio/jun. 1936b.

METODOLOGIA da leitura e da escrita. Revista de Educação, Florianópolis, Ano I, n. 4 e 5, p. 48-54, jul./out. 1936c.

METODOLOGIA da leitura e da escrita. Revista de Educação, Florianópolis, Ano II, n. 6, p. 27-40, nov./dez. 1936d.